

O DRAMA DE UM ATEU HUMANISTA

The Drama of a Humanist Atheist

José Augusto Rodrigues dos Santos^()*

Resumo

A história do Homem é também a história das suas religiões que sempre funcionaram como âncoras ontológicas propondo uma teleologia para a existência. Só muito tarde na história da humanidade o papel da religião foi questionado. A religião aborda o mistério da vida libertando o espírito de qualquer escrúpulo lógico ou racional. Dessa forma propõe uma dupla natureza para o ser humano, reunindo, de forma inextricável, elementos da sua origem divina bem como traços da sua condição de prisioneiro do mundo inferior. A religião suprime o tempo, mas, após o big-bang, tempo e espaço foram criados e a flecha do tempo tudo condicionou a partir desse momento genésico. A ciência foi progressivamente dissolvendo alguns dos pressupostos da fé, contudo, algumas respostas para as perguntas primordiais são impossíveis de dar quer pela ciência quer pela religião. Este ensaio, à luz de uma experiência pessoal, tentou vislumbrar a possibilidade de preocupações humanísticas, diria religiosas, num indivíduo assumidamente ateu.

Palavras-chave: religião; dúvida; ciência; ateísmo; ontologia

Abstract

The history of Man is also the history of its religions, which have always functioned as ontological anchors proposing a teleology for existence. Only very late in human history was the role of religion questioned. Religion addresses the mystery of life by freeing the spirit from any logical or rational scruples. In this way, religion proposes a dual nature for the human being, inextricably bringing together elements of his divine origin as well as traces of his condition as a prisoner of the underworld. Religion suppresses time, but after the big bang, time and space were created and the arrow of time conditioned everything from that primordial moment. Science has progressively dissolved some of the presuppositions of faith, however, some answers to the primordial questions are impossible to give either by science or by religion. This essay sought, in the light of a personal experience, to glimpse the possibility of humanistic, I would say religious, concerns in an openly atheist individual.

Key-words: religion; doubt; science; atheism; ontology

1 INTRODUÇÃO

Como conciliar ateísmo e humanismo? É mais fácil do que à primeira vista pode parecer. Onde vai alguém, fora de uma religião, buscar as suas âncoras existenciais? A todo o lado e inclusive às religiões. Parece contradição, mas não o será de todo.

É inquestionável que a noosfera que marca o mundo ocidental é subsidiária de duas mitologias fundadoras – a hebraica-cristã e a grega.

^(*) Doutor em Biologia do Desporto. Professor Associado com Agregação Jubilado da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto. Ex-Diretor do Mestrado em Treino de Alto Rendimento Desportivo da FADEUP

A beleza poética destas visões cosmogônicas não é em nada reduzida pela assunção materialista e científica da gênese do universo. A ciência esclareceu-nos que a partir de uma realidade pontual aconteceu o big-bang e a criação e expansão do universo. Há mais ou menos 14,5 bilhões de anos iniciou-se esta realidade material e energética que nos corresponde e que inexoravelmente se dissipará em múltiplas transformações que poderão caminhar na expansão contínua do universo ou, como defendem alguns físicos, na sua retração até ao ponto de partida.

Ambas as hipóteses são meras hipóteses, mas qualquer delas desperta-nos a angústia pela impossibilidade de dominar o muito longe ou o muito duradouro e o sentido intrínseco da existência do universo.

Com todas as certezas científicas que nos permitem fazer modelos interpretativos que tentam compreender a imensidão de forças que preenchem o universo, subsistem perguntas seminais a que é impossível responder – Donde vimos? Para onde vamos? Qual o sentido da vida?

Estas questões mexem com o ser humano e promovem o seu espanto quer através das suas reflexões quer através da sua arte. Paul Gaugin, pintor francês que se refugou no Taiti para regressar à mãe natureza e dela receber os eflúvios da sua transcendência artística, criou uma das suas obras primas a que deu o título – De onde vimos? O que somos? Para onde vamos? Todos procuramos o sentido da existência para não nos perdermos neste mundo em constante convulsão.

Estas perguntas não têm resposta lógica e cada um tem de encontrar as respostas por si próprio. Na parte que me toca estou perfeitamente consciente que não tenho respostas satisfatórias, mas, recusando encontrar âncoras existenciais no dogma religioso, porfio no sentido de encontrar múltiplos sentidos para a vida, consciente de que me é impossível saber de onde vimos e para onde vamos.

Contudo, aceito perfeitamente que outros seres humanos procurem e encontrem na religião o viático para a viagem terrena que lhes corresponde. Qual a melhor religião para enfrentar a vida e o desconhecido da morte? Peguemos nas opções de duas luminárias da arte pictórica. A religião de Vicent van Gogh, protestante, era mais intensa, mais austera, mais estrita, mais fria e mais desumana. A de Paul Gaugin, católica, era mais cínica, mais acomodatória com a natureza corrupta do homem, mais luxuriante e criativa do ponto de vista cultural e artístico e, provavelmente, mais humana, mais próxima da realidade, da vida possível (Llosa, 2016).

Para Van Gogh, Cristo era o artista por excelência pois em vez da tinta, argila ou mármore criou as suas obras na carne viva dos seres humanos. Não fez estátuas, quadros nem poemas. Fez seres imortais, criou os instrumentos graças aos quais os homens e as mulheres podiam fazer das suas vidas uma perfeita e belíssima obra de arte. Van Gogh, almejava que a sua pintura fosse um lenitivo contra as angústias humanas, da mesma forma que a palavra de Cristo o era (Lhosa, 2016). Belo desiderato para o corpus concetual do cristianismo.

Admito, como petição de princípio, que a arte está mais perto do anseio de divino que a ciência. Arte e religião vivem paredes meias na alma do homem. Contudo, a ciência e a fé são dois domínios distintos da vida intelectual humana; é um erro ontológico e filosófico tentar interpenetrá-los. "A Deus o que é de Deus, a César o que é de César". Este aforismo proclamado por Cristo expressa bem a separação entre o divino e o telúrico. Mantém hoje toda a sua atualidade. A arte ousa uma liberdade absoluta que lhe permite migrar entre ciência e fé e não se sente nada mal com isso.

Uma das questões que desde jovem me apoquentaram foi o problema do mal. Porque existe o mal? Qual a sua origem? Para um jovem completamente mergulhado no viático católico, a dicotomia céu-inferno resolvia o enigma numa perspetiva teológica, mas deixava muito por esclarecer na perspetiva ontológica. Cresci, e ao abandonar a fé católica, vislumbrei com maior clareza o problema do mal, resolvendo-o. O problema do mal, do inferno, do diabo, está hoje bem resolvido na minha cabeça e para tal não foi necessário nenhum tipo de revelação hierofânica. Tudo se resume ao homem e à sua circunstância como afirma Ortega y Gasset.

O diabo anda por aí e vai continuar a andar enquanto houver homem. Com o último homem, como por arte de magia, desaparecerá o último diabo escusando-se a ser *compagnon de route* no regresso do homem à sua realidade quântica. Sem dúvida que o pensamento mágico e o pensamento religioso são irmãos gémeos.

Os deuses e os demónios povoam-nos a mente porque, já que, como demiurgos, temos a capacidade de os criar. É o nosso espírito incompleto, insatisfeito, frágil e vulnerável que nos incita a definir os contornos da nossa existência, balizados por dois conceitos polares – bem e mal.

Embora a pergunta-mistério da gênese do universo seja irrespondível através da ciência é-o também a partir da religião. Crentes e não crentes estão ambos desarmados perante o supremo mistério da realidade. Quanto ao processo em devir o mistério continua imerso da penumbra do incognoscível.

O anúncio da vida eterna é uma mensagem gratificante para os crentes. Contudo, só os não crentes, apoiados na ciência, é que podem ter a certeza da imortalidade da sua realidade material.

2 DETERMINISMO OU INCERTEZA

O mundo da ciência viveu muito tempo, desde Newton com maior propriedade, subordinado ao paradigma determinista. O determinismo defende que as mesmas condições provocam os mesmos resultados assente nos princípios de constância, necessidade e previsibilidade. Se se souber tudo sobre o presente consegue-se prever o futuro. Pode-se prever o resultado de uma experiência se se souber a posição e velocidade de todas as partículas ou elementos. Esta concepção da realidade foi posta em causa pelas investigações realizados no campo da realidade subatômica.

O Princípio da Incerteza coloca em causa as certezas do determinismo afirmando a impossibilidade de se saber com precisão o estado futuro do universo. Niels Bohr contra Albert Einstein defendeu as estranhas propriedades do mundo quântico – indeterminação objetiva, acaso objetivo, probabilidade objetiva e não localidade o que levou este a afirmar que “Deus não joga aos dados”.

Ora Deus joga mesmo aos dados o que abre a possibilidade já defendida por Santo Agostinho que o homem não é completamente determinado quer pelo passado quer pelas circunstâncias e que nele permanece um módico de liberdade absoluta que várias correntes teológicas denominam de Livre Arbítrio.

Para mim, no plano ontológico, não existe determinismo algum, embora qualquer escolha esteja, em parte, determinada por condições genéticas, sociais, culturais, etc. O ser, a consciência do ser, o *dasein* (Heidegger) é uma qualidade emergente da realidade material como são as cores e os cheiros. O ponto em que a expressão do ser se liberta

das leis físicas que regem o universo não o sei, mas sinto que a minha liberdade, livre-arbítrio, emerge do ser material que sou como uma obra de arte emerge da imaginação criadora do artista.

Esta fragilidade conceitual poderia enviar-me para os campos do dogma, mas não vou por aí. Há um imenso território de desconhecimento que aceito como ponto de partida da minha localização ontológica e, com alguma coragem, pois a religião pode ser uma âncora segura, permaneço num limbo de incompletude e indefinição que procuro preencher através das coisas simples da vida.

3 A PROCURA DE SENTIDO PARA A EXISTÊNCIA: O VALOR DOS MITOS

Num mundo radicalmente sem sentido, a Igreja pode oferecer um projeto espiritual a quem dele sinta necessidade. Igreja deriva de *ekklesia*, étimo grego que significa reunião, assembleia que o novo testamento elevou a Nova Aliança do povo de Deus. Essa aliança tem um certo sentido exclusivista pois exige-se como condição *sine qua non*, ser crente e pertencer a esse povo especial. E os outros? Também o não crente pode encontrar na igreja uma forma de se reunir com os outros partilhando o mistério da existência.

Para mim, é inconcebível uma aldeia do Minho ou Trás-os-Montes sem a sua igreja. A igreja é um lugar altaneiro, aponta ao céu, força o homem a olhar para o alto. O alto para mim é o homem mais elevado, mais limpo, mais tolerante, vencedor dos seus instintos mais subterrâneos.

Fora do dogma religioso, cada homem deve encontrar sentido para o existir nas coisas simples da vida. O sentido humano para a existência pode ser encontrado na vida sem necessidade de migrar para o território do dogma. O homem perscrutador encontrou em si a justificação da existência. É algo com o sabor amargo da incompletude? Sim, é, mas é o melhor que temos à nossa disposição se não queremos cair no logro salvífico de um dogma impenetrável.

Mas eu desvalorizo as religiões e os mitos que encerram? Longe de mim tal “pecado”. Os mitos são essenciais à existência do humano, dão-lhe um sentido e uma certa cor ontológica.

Localizemo-nos na Europa, como centro primordial de cultura e elevação espiritual. Por muito que respeite a noosfera cultural de outras latitudes e longitudes o melhor que o humano construiu foi neste continente fragmentado.

Hoje o mundo é policêntrico, mas a Europa subsiste como polo de atração para todo o mundo. Por que será? Existe um eurocentrismo cívico e comportamental, também cultural, que funciona como farol axiológico para quase todo o mundo. A Europa é o território onde os mitos mais força transformadora tiveram.

Sempre os mitos evidenciaram a natureza dicotômica da realidade. O mito é aquela realidade que escapa do real e a ele regressa com força transformadora. Para se manter como tal o mito tem algo de etéreo e fugidio. Foge da premência do real. A formalidade consubstancial ao mito não se coaduna com o vulgar e o familiar. Mito e vulgaridade excluem-se mutuamente. O mito religioso funciona porque não permite o contacto humano e a intervenção racional. Esta é a essência do mito, malgrado as tentativas de familiaridade grotesca com que alguns evangelistas tentam reduzir a dimensão transcendente do mito.

O mito só funciona quando está tocado pela exceção, pelo sublime, pela elevação e nalguns casos mesmo pela abjeção. Deve-se amar o invulgar, os seres excepcionais, aqueles que chamam seres insólitos, estranhos e que o povo não compreende nem tem que compreender, só tem de admirar. O mito não se justifica, vive-se. Aceita-se ou recusa-se.

O homem tem tendência para a inação e comodismo que são normalmente inimigos mortais do espírito. O espírito obriga inexoravelmente à dignidade, à disciplina, é ele mesmo que a cria. O espírito é inimigo figadal de todo o conforto humano. O espírito obriga-nos a sair de nós, dos nossos limites e procurar ir mais longe, no *dasein* que Heidegger localiza no ser aí, no ente que existe liminarmente no mundo.

Os mitos que respeito estão impregnados de realidade telúrica. Acabarão quando eu acabar. Enquanto eu subsistir neste invólucro orgânico que me corresponde terei nos vários mitos que o homem criou referências axiológicas que me localizarão nesta aventura de existir. As religiões são campos férteis de mitos; alguns deles sustentaram as várias doutrinas fundadoras da denominada civilização ocidental, génese do melhor e do pior que o ser humano criou. No primeiro caso, temos os Direitos Universais do Homem, no segundo o Holocausto, a Inquisição. O cristianismo/catolicismo tem algumas culpas no cartório da maldade humana, mas também foi responsável por

algumas das mais conseguidas obras de elevação espiritual da humanidade. Veremos isso mais adiante.

4 É POSSÍVEL SER ATEU E CRISTÃO?

O mundo atual seria muito mais católico se o Papa Clemente VII não se tivesse oposto ao divórcio do rei de Inglaterra, Henrique VIII. Sem o Grande Cisma que dividiu a Igreja em católicos e protestantes, hoje os Estados Unidos da América seriam católicos com tudo o que de bom ou mau isso pudesse representar. A força dos evangelistas na atualidade, alguns dos quais manifestam tiques de radicalismo fundamentalista, entronca nas fraquezas humanas dos que no catolicismo tinham a obrigação de passar os pressupostos do dogma a lei moral e que as suas vidas estivessem em concordância com essa lei moral, o que raramente aconteceu.

Um dos momentos mais marcantes do cristianismo foi o advento do protestantismo, não pela doutrina em si, mas pelo puritanismo que lhe estava associado. Com as devidas ressalvas, o protestantismo trouxe, metaforicamente falando, o castigo da burka ao cristianismo.

Uma religião que tente penetrar o ser até ao seu mais íntimo pensamento pode transformar um crente num revoltado. “A razão é um grande animal pacífico, que adormece sem dificuldade à hora do culto; mas não convém lançar-lhe provocações inúteis” (Houelleceq, 2021, pag.354).

A beleza de uma vida é rematada na morte. Ao não querer permanecer em estado de progressiva dissolução orgânica, o homem que decide pela cremação aproxima-se mais rapidamente do universo quântico do qual deriva. A aceleração do processo de regresso à realidade quântica abre e antecipa as imensas possibilidades de novas reorganizações materiais ou orgânicas. Que fique bem explicitada a minha posição – a imortalidade humana é atômica, quântica, e não espiritual. Contudo, o *dasein*, o ser aí Heideggeriano, expressa a validação ontológica do viver. Estou envolto e preocupo-me com o mundo onde vivo e tudo que lhe corresponde tem importância para mim. Deixando para o dogma ou para a ciência o problema do antes e depois, ao homem nada mais lhe resta que encontrar um sentido para a vida no seu percurso telúrico. Vivendo em sociedade, nada do humano pode ser alheio à humanidade. Não considerar o todo complexo e integrado define uma visão redutora e fragmentária do *dasein* humano. E o todo humano integra sem dúvida a sua dimensão espiritual e as suas opções religiosas

ou não religiosas. Eu incluo-me naqueles que chegam ao agnosticismo e ao ateísmo a partir da religião dominante do seu povo, no meu caso, o catolicismo. Isso não me impede que, apesar do desacordo formal com a minha religião genésica, reconhecer a matriz cristã da minha cultura. Sempre me reivindiquei culturalmente cristão e nisso tenho um certo orgulho.

No sentido de tentar explicar o meu ateísmo tolerante e cristão insiro um documento que intitulei “O Peregrino Ateu” (Rodrigues dos Santos, 2019) e que publiquei noutro lugar. “Estive a fazer as contas por alto, e já devo ter ultrapassado as vinte peregrinações a Fátima e as quinze a Santiago de Compostela. Coisa imensa para um ateu dirão alguns, coisa mínima para quem procura no exercício físico e desportivo motivos de superação e transcendência.

No sem significado cosmológico da existência, na falta de sentido para a vida, na consideração da realidade que nos corresponde ser uma simples conjugação especial da matéria e energia que emergiram do big-bang, temos de encontrar na vida os sentidos da nossa realização. Recusando qualquer teleologia cósmica, conceito que por vezes contamina o próprio espaço da ciência, aceito a teleonomia dos comportamentos humanos, ou seja, devemos caminhar em direção a metas, a objetivos. Essas metas partem do homem e chegam ao homem na consecução de uma transcendência ontológica que refute *ab initio* qualquer conotação dogmática. O homem, como proclama Protágoras, como medida de todas as coisas.

E, por isso mesmo, colocando o homem como referência fundamental, as minhas peregrinações “religiosas” têm plena justificação. O meu amigo Rui Garcia ensinou-me um dia a emergência do sagrado em alguns grupos humanos mais em contacto com a natureza. Largam um boi na floresta e seguem-no até ele encontrar um lugar aprazível e parar. Aí constroem o seu altar; ali vão começar a venerar os seus deuses. A partir da epifania induzida por um animal constroem o espaço de adoração dos seus deuses, deuses esses que estão fortemente contaminados com a expressão telúrica da sua revelação. O homem natural em equilíbrio com uma religião natural. Nada de mais belo pode o homem construir – os deuses, entidades que emergem da terra e se elevam, por esforço do homem, como expressão da vitalidade criativa desse mesmo homem.

E, assim se justifica o superior encantamento, digamos mesmo transcendência, quando após múltiplas vicissitudes da viagem, chego perante os altares que os homens espanhóis e portugueses construíram para agradecer aos seus deuses. Quando entro na catedral de Santiago de Compostela ou na de Fátima após a “via de sofrimento” da

viagem, não espero encontrar nenhum deus desconhecido, mas espero encontrar-me mais a mim próprio e mais elevado na minha condição espiritual sublimada por um sentimento de gratidão à vida.

Depois há a partilha. A emoção dos lugares toca-me e, toca-me ainda mais, quando os meus companheiros de aventura, crentes profundos que na religião encontram uma âncora preciosa, anulam todas as agressividades telúricas e se elevam procurando no dogma o sentido das suas fugazes existências. Nesse momento, ganha imensa força em mim a máxima de Terêncio: “*Homo sum humani nihil a me alienum puto*”.

Este excerto incluído num artigo que foca a peregrinação como motor de elevação espiritual, evidencia que o meu ateísmo não é incompatível com os dogmas religiosos dos outros. Uma das mensagens Crísticas mais importantes é a tolerância para o que é diferente. Sempre assumi esse conceito como axioma e como um dos sustentáculos da minha lei moral. Logicamente que essa tolerância não é um absoluto; há limites que extravasam da própria reciprocidade deste conceito. Qualquer fundamentalismo que veja na diferença um crime, não pode ser protegido pelo guarda-chuva da tolerância.

5 OS QUADROS MORAIS DAS RELIGIÕES

Devemos avaliar as religiões quer no plano intelectual, ou seja, nos desvios à lógica e bom-senso, nas agressões à razão, quer no plano das suas construções morais. O código moral derivado de uma religião é, em última instância, o verdadeiro aferidor da sua bondade intrínseca.

A religião, segundo Michel Houellebecq (2021; pág. 291) “confere sentido ao mundo e ao nosso lugar no mundo”. Tal posição é cómoda em demasia e não impõe grande coragem. Qualquer indivíduo deve estabelecer um código moral sem o decalcar de qualquer religião, mas a partir da sabedoria relacional e bom-senso que as sociedades humanas foram desenvolvendo desde os seus primórdios. Desde as grandes migrações a partir de África, berço do homo sapiens, que a espécie humana teve de estabelecer regras de conduta que permitissem a sua sobrevivência. Sem essas regras tácitas o homem soçobriria no caos e na anomia. O homem só sobreviveu com normas morais, baseadas em usos e costumes, que tiveram uma função reguladora e que antecederam o advento da própria religião. Da passagem do homem do seu status biológico à sua condição sócio-histórica foi percorrido um longo caminho que fizera emergir regras de conduta sem qualquer fundamento escatológico.

Michel Houellebecq (2021, pág. 292) afirma “...sou católico no sentido em que expresse o horror de um mundo sem Deus, mas apenas nesse sentido”. Ele tem medo da solidão. A verdadeira coragem é assumir a inexistência de Deus e, no existir sem sentido, encontrar fraciúnculas de divindade. Nietzsche proclamou bem alto a morte de Deus. Como estava errado o pai de Zaratustra. Deus existe, está dentro de cada um de nós, que o construímos a partir da nossa realidade material e só dessa e tem o tempo de duração de cada vida.

Há um aspeto importante que importa referir quando analisamos a complementaridade/oposição do binómio cultura-religião – o estado de desenvolvimento cultural de um povo que determina, sem dúvida, as suas idiossincrasias. Tomemos como exemplo o Portugal emergente da revolução republicana de 1910.

Na definição dos valores do Portugal monárquico, a Igreja Católica não pode alijar a sua quota parte de culpa pelo obscurantismo que grassava no país. Naturalmente que a profunda ligação da Monarquia à Igreja seria posta em causa com o advento da República que bebeu, pelo menos em parte, o anticlericalismo da Revolução Francesa. Os valores da República punham em causa o poder da Igreja como se pôde verificar com a expulsão dos jesuítas. Repetiu-se na República o que o Marquês de Pombal tinha feito a mando da Inquisição. Mais tarde, com o Estado Novo, a exposição do Estado à Religião foi algo recuperada. A assunção de um Estado laico foi difícil porque o analfabetismo que caracterizava o tecido social português no início do século XX marcava o país com o ferrete da ignorância. Que culpas genésicas devem ser assacadas à Igreja pelo obscurantismo de Portugal? Como era dela uma parte significativa da responsabilidade da educação nada mais justo que a condenar por resultados tão deploráveis. No advento da República 70% dos portugueses eram analfabetos (40% em Espanha, 8% nos USA e 2% em Inglaterra). Será que o protestantismo foi mais educador que o catolicismo? Pelos visto sim.

Esta reflexão vem a propósito de quê? Da necessidade que teremos sempre de analisar os dogmas religiosos ou científicos através dos seus reflexos na sociedade, da bondade das suas realizações sociais.

Como tenho na arte um dos alimentos fundamentais do meu espírito irrequieto relego o protestantismo para um plano secundário (alguns historiadores consideram a Reforma Protestante como um holocausto da arte) e elejo o catolicismo como motor cultural fundamental da humanidade.

6 A ARTE CATÓLICA COMO EXPRESSÃO DE ELEVAÇÃO E EXCELÊNCIA

Importa dividir a apreciação da arte católica através de um duplo prisma: (i) a força e validade filosófica dos conceitos, e (ii) a nobreza estética das realizações. Apetrechados com esta disciplina mental podemos mergulhar no universo estético do catolicismo com a alma pura dos justos. Sem dúvida, a arte católica constitui momentos altos da efetividade humana. Séculos de cristandade viram nascer o melhor da arte a partir do sagrado. O sagrado irrigou a Europa com o melhor das suas construções artísticas, na pintura, escultura, arquitetura e na expressão na palavra. Artistas, crentes e não crentes, dirigiram o seu génio para a exaltação do sagrado, tornando a Igreja Católica uma fonte inesgotável de elevação artística.

Desde a legalização do cristianismo com o Édito de Milão (313), a génese da arte cristã expressa nos afrescos pintados nas catacumbas e casas cristãs passou a ser continuada por formas artísticas esteticamente mais elaboradas e que redundaram em algumas das mais bem conseguidas obras de arte humana.

O que me importa no catolicismo não é o seu dogma intrínseco, mas a sua expressão estética consubstanciada numa magnífica arte plural. O homem e a sua circunstância é que me interessam e não a salvífica falácia de uma doutrina.

No ocaso dos anos de 1960, fiquei marcado profundamente por um filme – “As Sandálias do Pescador”. Num período da minha vida em que ainda estava condicionado pelo dogma religioso católico este filme foi uma lufada de ar fresco que me invadiu a alma. No filme, o padre Telemond (Oskar Werner), em profunda crise de consciência, levantou algumas dúvidas acerca dos seus trilhos religiosos e os fundamentos da sua fé. Foi inclementemente interrogado por um tribunal cardinalício. Após uma cerrada inquirição o cardeal-juiz termina (cito de memória):

- Finally, in what you believe?

- I believe in God, in Christ and in the Spirit, but by any intern revolution I lost my faith in God, in Christ and in the Spirit, I should continue to believe in the world and man in the world.

Que bela mensagem esta, em que um padre (ou seja, o autor da obra através da personagem) coloca as coisas no seu devido lugar. Quaisquer que sejam as

tergiversações que a fé de alguém possa sofrer num dado momento, existe um objetivo existencial fundamental – ser homem e sê-lo neste mundo.

Temos de encontrar Deus. Para isso, a igreja não ajuda. Nada mais nos resta que encontrar Deus em nós e nos outros. Mas, não nos iludamos, também em nós mora o diabo, que espera ávido o momento de mostrar cá fora os seus cornos avermelhados.

Mesmo o ateu mais empedernido não pode escamotear a capacidade de adaptação da igreja católica intuindo os ventos do tempo. Devemos assumir do passado todo o bem e todo o mal que comporta. É puro anacronismo interpretar o passado através da lupa das leis morais vigentes na atualidade, pois, estas, também estão sujeitas ao fluir transformador do tempo. Podemos criticar os erros do cristianismo com o distanciamento do historiador; não podemos, contudo, transportar para o presente os erros do passado. Hoje, o cristianismo, principalmente pela benéfica influência dos últimos Papas, tornou-se numa religião de paz e concórdia, tolerância e convivialidade, muito longe dos fanatismos e exclusivismos de outrora. Hoje, a igreja cristã aceita o outro qualquer que seja o prisma com que o outro encara a realidade.

Mas, voltemos à arte que o cristianismo-católico criou. De uma forma geral, um acontecimento envelhece com o advento de um novo. Na arte isso também acontece, só que há uma arte que foge gloriosa da ditadura do tempo e do esquecimento e perdura refrescando as almas humanas com os vapores do divino. No campo da pintura católica saliento “A Virgem das Rochas” de Leonardo da Vinci e o afresco do “Juízo Final” que Miguel Ângelo pintou no teto da Capela Sistina. Perante estas e outras obras que o catolicismo promoveu não podemos ficar indiferentes. São a expressão mais conseguida da elevação religiosa do homem.

O homem é um animal social do tipo religioso (Auguste Comte). Em princípio, até aceito esta classificação só que levanto a questão do significado do religioso. Religião-dogma, vida no além, sujeição acrítica a um sentido para a existência? Não. Religião como elevação do homem da sua condição material, natural, orgânica? Sim. A transcendência como procura, mas algo natural ao homem. Ao homem que procura, ao homem que visa retirar da vida algo mais que comer, copular, sobreviver. A religião resolve satisfatoriamente o desejo de imortalidade que todo o homem anseia, mas ir por aí é ficar sempre com uma dúvida irresolúvel atrás da orelha. O homem que cortou a própria orelha, Van Gogh, tem esta frase lapidar que conjuga o telúrico e sagrado: - *Quando sinto uma terrível necessidade de religião, saio à noite para pintar as estrelas.* Este, talvez tenha conseguido um certo tipo de imortalidade através da sua verve

artística; contudo, também ela se dissipará um dia debaixo do pó do tempo. A imortalidade material (atômica, quântica) é muito mais satisfatória embora com o ónus da dissipação da consciência. Não se pode ter tudo. Permaneço no universo, só que não tenho consciência dessa permanência. Já não há dúvidas sobre a imortalidade física. Só que isso reduz pouco a angústia ontológica sobre a morte biológica. Permanece a matéria de nós, desaparece o ser que somos. O *dasein* que nos caracteriza. Daí o drama incontornável da transformação radical a que damos o nome de morte.

Nos antípodas de Van Gogh está Dostoiévski quando afirma que se fosse preciso escolher entre Cristo e a verdade, escolheria Cristo. Eis a mais desarmada afirmação de fé que marca o franco antagonismo entre razão e emoção, e por arrasto, entre ciência e religião.

Mas, abordemos o catolicismo, exaltando as suas bondades e maldades intrínsecas. Como contraponto à retratação anticientífica de Galileu, à morte na fogueira de Giordano Bruno e aos múltiplos aparelhos de tortura e morte que a Inquisição criou, temos tanta coisa bela que o catolicismo nos deu. Alguém disse que a beleza estética é verdadeiramente um argumento de crença. Acreditar porque é belo. Há momentos em que a arte católica nos transporta para um estado de transcendência que julgamos tudo possível, até a existência-inexistente de um Deus. Começemos pela música com a maravilhosa peça *Benedictus* que Karl Jenkins dedicou às vítimas da guerra no Kosovo; a *Paixão segundo São Mateus*, de J.S. Bach; *Laudate Dominum*, de Mozart; *Alleluja*, de Haendel. Chega-nos para nos reconciliar com a vida. Passemos à pintura. Depois das obras atrás referidas salientamos: o *Martírio de São Mateus* e a *Deposição de Cristo*, de Caravaggio; *Pietà*, de Vincent Van Gogh; *A Crucificação de Cristo*, de Pablo Picasso; *A Crucificação de Cristo*, de Paul Gauguin; *Cenas da Paixão de Cristo*, de Hans Memling; *Flagelação de Cristo*, de Rubens. Na escultura, a religião católica deu motivos para obras esplendorosas: *Porta do Inferno* e *Adão e Eva Expulsos do Paraíso*, de Rodin; na arquitetura a expressão máxima de fé numa vida para além da morte – as diversas catedrais que o mundo cristão elevou do solo para estar mais próximo do céu. Uma fé com expressão telúrica a fundamentá-la. Por exemplo, a catedral de Paris demorou 182 anos a ser construída. Não se iniciaria algo grandioso, que esgota o tempo humano dos seus criadores, se não se tivesse um profundo sentido de gratidão em relação aos deuses e ao futuro escatológico que eles encerram.

As religiões, umas melhor outras pior, manifestam, para lá das expressões de fé, certas regras na relação do homem com os outros. E não podemos atribuir carácter

contingente às leis morais emergentes das religiões porque quase sempre são princípios reguladores racionais. O princípio da convivialidade humana pressupõe o respeito por essas leis; elas são reguladoras dos comportamentos em sociedade. Se um homem se transforma em eremita e vive com os animais no meio da selva não está sujeito a nenhuma lei moral. Faz o que quer. Viver em sociedade implica sempre condicionamentos, ou seja, certas leis morais que evitem o caos. Das religiões podemos aproveitar todas as mensagens que transformam o telúrico num território mais humano. A mudança é por vezes dolorosa, mas abre-nos perspectivas múltiplas de realização. Temos quase tudo para sermos mais felizes que os que nos antecederam. Quase tudo. O que falta? Uma suave inconsciência da maldade como motor de progresso. Veja-se o caso do escravagismo aceite como natural ainda há pouco tempo. Penso que a humanidade reduziu a expressão social do seu potencial para a maldade. Continua lá, intacto, mas a sua expressão social está reduzida. O poder transformador das religiões também contribuiu para isso. Sem dúvida que o tempo religioso regula a vida dos homens em quase todos os lugares do mundo.

As vetustas tábuas morais de todas as religiões são somente ideias, grandiosas por vezes, mas ideias em abstrato. Devíamos, e aí Dostoievski está cheio de razão ao definir dessa forma os fundamentos de uma ética pessoal, que todos aqueles que proclamam grandes propósitos sociológicos fizessem a importante tarefa de fazer pelo menos uma pessoa feliz.

7 CONCLUSÃO

Para terminar, recorro ao Juízo Final de Miguel Ângelo. Nessa obra magistral da cultura cristã, uma metáfora sublime está presente. A Barca de Caronte transporta os corpos dos mortos pecadores para o inferno. Quanto mais se aproximam do seu destino mais os corpos escurecem. Essa escuridão está em nós muito tempo antes de morrermos. O que urge então fazer, com ou sem ajuda da religião? Que essa escuridão seja atenuada pela claridade que vem dos outros e do mundo. Que nos libertemos, pelo menos de vez em quando, da condição de prisioneiros do mundo inferior que nos arrasta para a satisfação das pulsões mais animais, digo naturais. Que o tempo de elevação e transcendência pode ser encontrado pelo homem, por si só, perscrutando o mundo com a acuidade de um relojoeiro. Temos de olhar para a vida como um relógio a que temos

de dar corda todos os dias; de forma suave e ritmada para o não estragar, até que a usura do tempo o transforme, outra vez, nos seus materiais constituintes.

Então a vida resume-se à reunião de uma série de fatores de construção que um dia recuperarão a sua condição original? A resposta só pode ser sim, mas... há a viagem. E na viagem temos de encontrar uma ou muitas justificações para o que somos.

REFERÊNCIAS

Houellebecq M (2021). **Intervenções**. Penguin Random House Grupo Editorial Unipessoal, Lda. Lisboa.

Rodrigues dos Santos JA (2019). **O Peregrino ateu**. Anexo in: Rui Garcia e Lurdes Costa (2019). Peregrinação: do sofrimento à alegria da fé. *Brotéria: cristianismo e cultura*, vol. 188, nºs 5/6, pp. 746-763.

Vargas Llosa M (2016). **O Paraíso na outra esquina**, 8ª edição. Publicações D. Quixote, pag. 292.

(Recebido em setembro de 2022; Aceito em janeiro de 2022)